

Relato de uma te-arteira, integrante de um coletivo (in)tenso, em processo de constante (de)formação, por Natália Siufi⁴⁸

Resumo: O texto apresenta uma articulação entre fazer parte de mesa que discute teatro de grupo; ensinamentos vividos durante o período na universidade, e, sobretudo, a prática teatral em um grupo de teatro que concilia permanentemente o estético e o histórico-social.

Palavras-chave: teatro de grupo, teatro político, coletivo, experiência, cultura popular.

Abstract: The text presents a link between part about discussing theater group; teachings experienced during the period at the university, and, above all, the theatrical practice in a theater group that permanently combines the aesthetic and historical-social.

Keywords: theater group, political theater, collective experience, popular culture.

Alguns argumentos:

1) Todo teatro é político. Não há “um certo tipo de teatro” que seja político. Qualquer divisão, segmentação, como se fosse uma especialidade, obscurece a questão de que todo teatro é político. Tal como não existe arte pela arte, todo teatro tem efeitos políticos, mesmo que não tenha consciência disso. Sendo assim, é importante nos darmos conta a quem servimos, de que lado estamos; nos darmos conta a quem o teatro serve, a quem serve sua técnica.

2) Não adianta apenas ser simpático à causa dos oprimidos, apenas denunciar a exploração. Qualquer tendência política é falsa se não pre-escreve a atitude que deve adotar para concretizar essa tendência. Apenas a convicção política não basta. Tal como Walter Benjamin pontua em *O autor como produtor* (1996), a exigência fundamental é não abastecer o aparelho de produção da opressão, sem o modificar, na medida do possível, num sentido socialista.

3) A qualidade da produção artística está intimamente relacionada com seu aperfeiçoamento como aparelho para servir à causa de transformação social. Walter Benjamin (1996) pontua que é preciso colocar à disposição da causa um aparelho cada vez mais perfeito. E esse será tanto melhor quanto maior for sua capacidade de transformar em colaboradores

⁴⁸ Natália Siufi é atriz e diretora, integrante fundadora do Grupo Teatral Parlandas e produtora do Grupo Mamulengo da Folia. Formou-se em licenciatura em artes cênicas, na UNESP. Artista Orientadora do Programa Vocacional, articuladora da Rede Brasileira de Teatro de Rua e do Núcleo Paulistano de Pesquisadores em Teatro de Rua, desenvolve suas pesquisas na linguagem cômica popular e nos modos de produção de teatro de grupo.

os leitores e espectadores. Trata-se de disparar no homem a reflexão de sua posição no processo produtivo a fim que ele se posicione. Brecht, neste mesmo sentido, fala da tarefa de “refuncionalização”: a transformação de formas e instrumentos de produção por uma inteligência interessada na liberação dos meios de produção a serviço da luta de classes. O autor consciente não visa apenas fabricar obras ou produtos, mas sempre, ao mesmo tempo, os meios de produção compatíveis com suas convicções. Tal caminho coincide, ainda, com a *Pedagogia do oprimido* de Paulo Freire, que requer a superação do sistema de opressão através de pensamento crítico articulado com ação prática, ou seja, pela práxis. Paulo Freire requer um diálogo que não impõe, não maneja, não domestica, não é *slogan*. Em vez de um evento teatral onde um sujeito exerce domínio sobre uma plateia passiva, trata de sujeitos que se encontram para o exercício da *pronúncia* do mundo.

Os argumentos aqui apresentados foram emprestados da parceira Carolina Abreu, que muito ajudou na organização de nossas ideias e na teorização de nossa prática.



Relato de uma te-arteira, integrante de um coletivo in(tenso), em processo constante de (de)formação

Não à toa começo pedindo ajuda a parceiros, pois o grupo no qual atuo se alimenta muito dessas fricções provocadas por pessoas de diferentes campos, cruzadas por aí em diversas estradas. E entendido alguns de nossos pressupostos, podemos falar de coletivo ou de estética (temas desse texto) a partir de conceitos agora comuns. Nosso teatro toma partido e talvez o modo de produção coletiva seja a única forma de coerência com que o que buscamos. Mas antes... outros parceiros!

Por ser “prata da casa” (referência ao nome da mesa de estudos para a qual fomos convidadas) nessa estrada/trajetória *unespiana*, não posso deixar de comentar o mais que parceiro, mestre, Alexandre Mate, que não só acompanhou de perto as pegadas de nosso coletivo e desta que agora escreve, como mostrou atalhos, apontou buracos e refez conosco percursos longos, mostrando muito mais do que víamos antes de sua presença.

Dessa troca, fica em nós, sobretudo, a necessidade de ir além, de ser radical, de enxergar em profundidade e sempre de modo contextual: de buscar as raízes; de sermos críticas, mas com critérios, daquelas que passam as coisas na peneira, para ver decantado; de buscarmos o significado/origem das palavras para compreender os sentidos de formação de ideias, conceitos e práticas; de darmos valor ao que é simples, popular e claro!, por isso, sofisticado; de ser não “eu”, mas nós, coletiva e múltiplas nas tantas partes de nós; de não fazer concessões, porém agindo com tática e delicadeza; de persistirmos no trabalho de grupo, resistindo em meio ao lixo-mercadoria e à indústria-arte.

Seguindo esses passos, não poderia fazer um texto que tem o tema “A prata da casa se posicionando sobre a crença e compromisso do teatro como experimento estético-social, a força do coletivo” sem compreender o sentido da palavra coletivo.

Coletivo (*lat*) *collectivu* - recolhido; que se funda no raciocínio/ *Séc XVII*: os nomes *collectivos* são aqueles que no singular significam multidão, como povo, gente etc.

Coletivo de colher junto. De singular que é plural. De algo que se funda em pensamento, em razão. Lembrei dos *Baniwa*, da aldeia Castelo Branco, lá em cima no mapa, no rio Içana, no Amazonas. Ajuri é o nome que eles dão para os mutirões na roça, na época de colheita da mandioca braba, fonte importante do sustento e sobrevivência da comunidade, mutirão em que todos trabalham juntos, com funções muito bem divididas e distribuídas.

Coletivo! Está aí talvez nossa maior arma contra a mercantilização de nossas vidas e, ao mesmo tempo, nossa grande dificuldade, nas contradições do con-viver.

Como produzir coletivamente, buscando formas não hierárquicas, iguais e que se somem às potências e habilidades dos indivíduos, para um objetivo comum? Para Walter Benjamin (1996), não há sentido em um autor que não ensine nada a outros autores. Precisamos não apenas buscar cenas, imagens, musicalidades, desenhos, formas... mas pensar e repensar a maneira de criá-los. Estabelecer já, nesse mundo ainda, no hoje, outras relações de trabalho que não as mediadas só pelo capital.

Fazer o nosso fazer de um jeito que seja nosso e não do jeito a reproduzir servilmente o sistema que criticamos. Mas como fazer isso, premidos diariamente pelo tempo, regras e espaços desse sistema? E aí nascem nossas contradições, tantas, e estou certa de que não convivemos com elas como quem está bem satisfeito. Elas gritam, doem, incomodam, inquietam, fazem mexer e remexer as musculaturas dos nossos corações, nos fazem frágeis e fortes. Nossas contradições nos movimentam na tentativa de cada vez mais aproximar prática e pensamento, futuro e presente, utopia e possibilidade.

Cabe aqui trazer a experiência do nosso coletivo, que em meio à realização de um primeiro projeto de fomento, se viu tomado por tantas atividades e fazeres fundamentais que, por vezes, o tempo espaço do ócio e do nada fazer era pequeno demais, fazendo com que sucateássemos nossas relações e desgastássemos nossos corpos, numa insana tarefa de atuar, militar, criar, gerir uma sede, produzir, estar em uma comunidade, circular, escrever e tudo mais que é sempre muito mais.

E que ninguém reivindique o descanso. Ócio? E a possibilidade de não pensar em nada!? Pronto! Lá estamos nós reproduzindo nosso inimigo capital. Negar o ócio = negócio. É isso que o sistema quer! Que seja vergonha o tempo não produtivo, que o único espaço vazio do seu dia seja num entretenimento “amortecente” futebol-novela-cerveja ou para os mais endinheirados alguma atração da indústria cultura, do *show-business* ou por aí, qualquer coisa que aliene um pouco mais de tudo que a potência como ser-humano gostaria, de toda sua liberdade ou desejo próprio.

E nosso ócio, diversão, descanso, alegria, que nos faz criar, que nos faz produzir nossa arte, cadê? Como? Se nossa política pública para as artes só legam editais que nos pagam para produzir? Se mesmo o Fomento, que é um modelo de lei a ser ampliado e pensado nacionalmente, conquista da categoria, está com uma verba abaixo do que a quantidade

de grupos qualificados demanda, o que gera competição, aumento de atividades, corte nos orçamentos, e nisso, mais trabalho!

E nesse “tempo-produção-edital” ou “tempo-produção-capital” muitos coletivos sucumbem. Por isso, é preciso achar saídas, pensar junto, rever os meios de produção, lutar por outras formas de financiamento, por outras formas de subsistência, por mais verba, por mais manutenção e pesquisa e menos resultado, resultado, resultado. Sim, isso também é um chamado à categoria, aos colegas, para que ocupemos as ruas, a câmara, a prefeitura, as praças, exigindo que nosso trabalho-arte-não-mercadoria tenha formas para (r)existir.

E no meio desses turbulentos processos de trabalho, em um almoço em nossa cozinha compartilhada, uma de nossas aprendizes nas oficinas do projeto, Letícia Carvalho, atriz do grupo Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes, e psicóloga com especialização em esquizoanálise, manifesta sua vontade de desenvolver conosco um trabalho focado no entendimento do que seria autogestão em um coletivo de teatro. Trago aqui essa experiência por ter completa relação com nosso pensar o coletivo e a força do coletivo na busca de uma estética forte e potente.

E o que teríamos de concreto enquanto objeto de pesquisa de alguém? E percebi a imensidão que movíamos, na tentativa diária de fazer um trabalho contra todas as lógicas de um mercado voraz, sem chefia, sem liderança, buscando igualdade nas relações, em processos dialéticos e contraditórios, complexos, envolvendo autonomia, autoridade, vontade, companheirismo, afeto, respeito... Sim! Topamos! E sabendo que topar significa entrega, tempo, escuta e disponibilidade. Aceitamos abrir nossas vísceras e olhar dentro, entender o funcionamento dos mecanismos de nossas relações, compreender as subjetividades e o que há de mais concreto. Não buscamos individualismos, essa é uma análise a partir do grupo, do todo, do social, coletiva.

E desses encontros, entendemos que nossas estruturas internas estão o tempo todo sendo reestruturadas e modificadas pelas forças motoras sociais e institucionais, que estão externas. Entendemos que só há coletivo se há indivíduos fortes que se fortalecem mutuamente. E como viver uma autonomia, aliada a conceitos de auto-gestão, a não-hierarquia das atividades, horizontalização das relações e proponência coletiva sem que as idiosincrasias do grupo sejam desconsideradas?

O caminho do trabalho em grupo é longo, difícil e tortuoso, mas ao mesmo tempo nada é tão delicioso como compartilhar as conquistas, dividir as dificuldades, ver-se num meio onde não há chefes ou empregados, onde

cada qual contribui, onde o diretor não é mais que o ator, onde o atador pensa, constrói, reflete. Isso não impede funções ou divisões de tarefas, desde que não sejam cristalizadas, eternas e insubstituíveis, desde que a função não represente o poder, mas a organização prévia de algo que será dividido com todos.

E todos, muito além de apenas nós mesmos. Nosso coletivo se junta a coletivos maiores, a movimentos sociais, grupos organizados, outros coletivos que nos fortalecem e são fortalecidos por nós. A nossa classe é enorme. Somos trabalhadores como tantos outros, que fazem greves, protestos, manifestos, que clamam por outra sociedade, assim como nosso teatro que se propõem a materializar nas imagens outras realidades que não as ensinadas e naturalizadas.

Desconstruir o que está dado, o óbvio, mostrando que as coisas são construídas, gerando nos seres-humanos autonomia, possibilidade, liberdade e, portanto, diversão. Brecht ensina bem isso! Teatrólogo alemão que buscou expedientes, também, na cultura popular achar e formas de fazer históricas significativas. Que pensou junto com atores e atrizes, a partir de textos construídos previamente, mas em processo de criação coletivo.

Talvez o grupo, por sua característica de continuidade, de permanência, seja a saída para não termos de narrar a história do teatro a partir de nomes de diretores ilustres e suas ideias brilhantes, mas a partir de conjuntos de indivíduos que escolhem sua forma de fazer, criam sua estética, suas ações que vão para além do teatro, em mutirões, manifestações, encontros, festas, lutas, gestão de sedes públicas, construção de políticas de financiamento etc.

E não há como pensar nossos coletivos menores, desassociados de coletivo maior, que é a própria sociedade. Não há como se ausentar da história e não tomar partido, e não atuar no contexto político e social. Somos sujeitos históricos, nosso teatro comunica, e em coletivo, decidimos o que queremos comunicar nessa barbárie-caos-metrópole que nos atropela todos os dias.

Não há receita, não há coletivo ideal, não há uma ilha socialista em meio ao capitalismo. Há tentativas concretas de romper as correntes, de agir diferente, de ser-humano nesse mundo máquina, de tirar poesia de pedra, de recuperar a potência dos encontros, do olhar/tocar/sentir, de fazer ciranda, abrir roda, cantar junto mesmo que ainda não afinemos tão facilmente... De expandir a consciência de nossos corpos e de outros corpos, de celebrar o que é vida.

Forte nos encontrarmos na UNESP, nessa semana de estudos, para falar de nossos coletivos, de nossos trabalhos em comunidade, em luta, em processo. E ver, na mesa, distintos seres-humanos com trabalhos completamente diferentes (que bom!), estéticas próprias, narrativas de diversos lugares, querendo se olhar, se ouvir, e sabendo e reconhecendo que somos parecidos, que temos tanto em comum. Forte sermos ali, grupos, e não apenas “eus”.

Como na última Mostra Lino Rojas de Teatro de Rua, em que na sede do TUOV – Teatro Popular União e Olho Vivo, pintamos as paredes com nossas mãos e nomes, a convite de César Vieira, e percebemos que nossas marcas tinham nomes de grupos: Buraco d’Oráculo, Parlendas, Coletivo Alma, Pavanelli, Brava, Dolores, Bazar, Mamulengo da Folia, Estável, Cirquinho do Revirado, Pombas Urbanas...

Que cada vez mais nas paredes, universidades, mesas, estantes e lousas, não sejam homens-brancos-colonizadores-bandeirantes os exemplos a serem seguidos. Que contemos outra história, daqueles que constroem, que trabalham e que resistem. Não para criação de heróis, mas sim de parceiros, encontros, referências, possibilidades. Que não se pronuncie apenas o eu, o meu, o dele, mas o que é nosso, que é de todos, que é público, como nossa arte pública que (r)existe colorindo a cidade, traçando outras linhas e criando novos espaços, nossos!

O Grupo Parlendas tem seis anos de trabalho continuado, há dois anos com uma sede, compartilhada com outros coletivos, no Clube da Comunidade Vento Leste, Jardim Triana, Zona Leste. A sede é fruto de ocupação e resistência, com mais de dez anos, e que sofre ameaças de desapropriação. Para mais informações sobre os trabalhos de nosso coletivo: www.grupoparlendas.com.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras Escolhidas; v. 1).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.